MULHERES NEGRAS TRANSVERSAIS DO TEMPO: NEGRAS JOVENS CONTRA O RACISMO, A VIOLÊNCIA, E PELO BEM VIVER

ÍNDICE

Apresentação 3

Introdução 4

Conferência Atravessando o Tempo e Construindo o Futuro da Luta Contra o Racismo 6

Discurso de Angela Davis 6

Discurso de Ângela Figueiredo 11

Discurso de Dulce Pereira 13

Discurso do Odara – Instituto da Mulher Negra 14

Mulheres Negras Transversais do Tempo: Negras Jovens Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem Viver ... 16

Solidão e Afetividade da Mulher Negra na Perspectiva Intergeracional 17

Religiosidade e as Negras Jovens 19

A participação Política das Jovens e Mulheres Negras 21

Negras Jovens: Uma Estética para Luta 23

Negras Jovens Produzindo Resistência Através da Arte e da Literatura 25

Negras Jovens: Identidade de Gênero e Sexualidades 26

Negras Enfrentando as Diversas Formas de Genocídio da População Negra 28

Conclusão 32

Créditos 32

APRESENTAÇÃO

"Nossos passos vêm de longe"

As nossas estratégias de resistência é o que mais incomoda a sociedade racista, sexista e lgtfobica brasileira. Este ano fazem 130 anos da falsa abolição e passados 30 anos do primeiro Encontro Nacional de Mulheres Negras, chegamos a VI edição do ***Julho das Pretas - mais uma estratégia política de enfrentamento ao racismo a violência e Pelo Bem viver.***

Resistência é sinônimo de mulher negra, de povo negro, Na história deste país, várias tem sido as formas de resistência que o povo negro, e particularmente as mulheres negras, têm desenvolvido cada dia para garantir a sua existência. Em cada canto deste país, mexemos e movemos estruturas engessadas, negamos e recriamos conceitos. Por isso, faz-se necessário refletir e identificar como construímos, expressamos, e quais significados tem para as nossas vidas, Resistir.

Ao longo da história desta nação, nós, mulheres negras, ao conjugarmos o verbo resistir, retroalimentamos sonhos, expectativas, desejos, histórias e possibilidades de viver numa sociedade onde o respeito, a democracia, a solidariedade, estejam acima das individualidades, do racismo, das violências.

Resistir significa reagir, produzir e criar outras formas de lidar com o mundo. Nossa resistência é fundada na ancestralidade, como principio de continuidade, afirmando valores, crenças, fazeres e saberes. Um jeito peculiar, baseado na coletividade, nas trocas e nos aprendizados cotidianos transmitidos pelas nossas mais velhas. Resistir é expressar corporalmente, sem negar os outros sentidos, sentimentos e manifestações de um fazer político comprometido com a nossa experiência histórica, com o sentido de liberdade, autonomia e pela nossa existência. É um jeito mulher negra de ser.

Resistir para as mulheres negras é alimentar o nosso potencial criativo e inovador. É fazer acontecer nos espaços e lugares onde menos se imagina. É quebrar regras e protocolos com a coragem de quem abre portas e amplia horizontes, consolidando histórias e reafirmando crenças.

Por isso, movemos barreiras, fronteiras, movemos o Brasil com marchas, atos públicos, caminhadas, rodas de diálogos, rodas de samba, macumba, seminário, slams, festas, feijoadas, manifestações artísticas e culturais, feitiços, rodas de capoeira, com a ginga e mandinga de quem observa as dinâmicas sociais com cautela, pois o golpe precisa ser certeiro, assertivo. Pois como somos o alvo, não podemos perder tempo, precisamos reagir, levantar.

Sigamos Lutando!

Valdecir Nascimento

Coordenadora Executiva do Odara – Instituto da Mulher Negra

INTRODUÇÃO

Criado em 2013, pelo Odara - Instituto da Mulher Negra, o Julho das Pretas celebra o 25 de Julho - Dia Internacional da Mulher Negra Afro Latina-americana e Caribenha e dia nacional de Tereza de Benguela. O Julho das Pretas é uma ação estratégica de mobilização, articulação e fortalecimento das organizações de mulheres negras para construção de uma agenda política conjunta e propositiva das mulheres negras da Bahia, da Região Nordeste e do Brasil.

Em seis anos, a ação do Instituto Odara no Julho das Pretas, trouxe temas importantes e necessários relacionados à superação das desigualdades de gênero e raça, colocando a pauta e agenda política das mulheres negras em evidência, entre estas: Fortalecimento Institucional das Organizações de Mulheres Negras na região Nordeste do Brasil (2013) - com objetivo de mapear as organizações de mulheres negras da região e discutir estratégias de fortalecimento político, financeiro e institucional; Mostra de Arte e Cultura de Mulheres Negras (2014) - visando aprofundar e discutir o fortalecimento em torno da autonomia econômica das mulheres negras, do intercâmbio de experiências solidárias e criativas do empreendedorismo negro protagonizado pelas mulheres; A participação da mulher negra na política: estratégias e desafios (2015) - colocando em pauta a participação e representação política das mulheres negras nos diferentes espaços políticos no país, através de um olhar crítico sobre as estratégias de participação, as agendas apresentadas pela luta de enfrentamento ao racismo e fortalecimento das mulheres negras; Mulheres Negras em Foco: Mídia, Representação e Memória (2016) - debatendo o direito das jovens e mulheres negras à comunicação, representação política, a narrativa de luta, enfrentamento às violências e incidência política, assim como estratégias para implosão dos imaginários estereotipados sobre as mulheres, jovens e lésbicas negras, que possibilitem a construção de novas narrativas sobre a população negra; Mulheres Negras transversais do Tempo: Negras Jovens Enfrentando o Racismo, a Violência, e Pelo Bem Viver (2017) – teve como sub-tema de abertura o colóquio "Atravessando o Tempo e Construindo o Futuro da Luta Contra o Racismo" com a filósofa, intelectual e ativista, Angela Davis. Assim como, dialogou sobre as estratégias construídas pelas negras jovens feministas para enfrentar o racismo, machismo, lgbtfobia e todas as formas de opressão a partir da troca intergeracional com ativistas do movimento de mulheres negras; Mulheres Negras Movem O Brasil: Contra O Racismo, A Violência E Pelo Bem Viver (2018) - teve como propósito visibilizar as lutas históricas e as estratégias travadas pelas mulheres negras no contexto diaspórico para combater o racismo, a violência e todas as formas de opressões que afetam diretamente a vida das mulheres e população negra.

O Julho das Pretas fortalece as trocas, vivências, entrelaçamentos e a luta das mulheres negras brasileira. Em 2018, em todo o território nacional, nos somamos a mobilização rumo ao Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 anos: Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem Viver – Mulheres Negras Movem o Brasil, além der ser um momento de avaliação das últimas três décadas e da conjuntura política de Mulheres Negras no Brasil, América Latina e Caribe.

CONFERÊNCIA ATRAVESSANDO O TEMPO E CONSTRUINDO O FUTURO DA LUTA CONTRA O RACISMO

25 de julho de 2017

Salvador, Reitoria da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Assista o vídeo da conferência na página do Odara Instituto da Mulher Negra (https://bit.ly/2MwVkTp).

DISCURSO DE ANGELA DAVIS

Transcrição Naruna Costa

Eu não tenho nem condições de expressar a vocês o quanto estou emocionada por estar aqui nesta noite. Para mim, é assim que deveria ser a aparência da universidade. Quero agradecer à Ângela Figueiredo e ao Instituto Odara. Quero agradecer também ao NEIM (Núcleo de Estudos Inter-disciplinares da Mulher – UFBA) pelo convite para homenagear o dia 25 de julho. Essa é minha quarta visita a Bahia e sexta ao Brasil.

Neste momento, me sinto extremamente envergonhada por ainda não ter aprendido português. Esse é o meu próximo projeto. Estou muito feliz por estar aqui celebrando com vocês o Dia da Mulher Negra Latina e Caribenha. Na Bahia, o Julho das Pretas. Estou muito entusiasmada por estar aqui no Brasil, especialmente porque tenho acompanhado os acontecimentos que vêm se desenvolvendo dentro do movimento das mulheres negras.

Me parece que, neste momento, o movimento das mulheres negras brasileiras representa o futuro do planeta. As mulheres negras brasileiras têm uma história extensa de envolvimento em lutas pela liberdade. Como tem sido simbolizado, por exemplo, pela Irmandade da Boa Morte. O conceito de Boa Morte nos convida a imaginar a imagem de um futuro melhor. Isso me leva a reconhecer as amplas contribuições das mulheres negras no Brasil e na Bahia no contexto da cultura religiosa.

Durante a minha visita, fui honrada com a possibilidade de atender uma oficina oferecida na Irmandade e também de passar um tempo na Roda de Samba da Dona Dalva. Tive a oportunidade de aprender sobre o trabalho de Dona Dalva na preservação do samba de roda. Recentemente ela recebeu um título de doutora honoris causa pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Também tive a oportunidade de me encontrar e conhecer a Ebomi Nice. Quero também ressaltar que há alguns anos fui honrada com um convite para conhecer o terreiro de Mãe Stella de Oxóssi e me encontrar com ela, que me disse sobre seus esforços a fim de preservar a cultura e a religiosidade dentro das tradições baianas e que as mulheres negras estão no centro dessas tradições.

Como foi dito por Dulce Pereira, já venho ao Brasil desde 1997. Nunca vou me esquecer do encontro que ocorreu em outubro daquele ano, em São Luís do Maranhão. Tive a oportunidade de encontrar Luiza Bairros pela primeira vez. O espírito de Luiza Bairros continua presente. Também encontrei pela primeira vez

Vilma Reis e tantas outras mulheres negras maravilhosas, as quais continuo a me encontrar todas as vezes que venho ao Brasil.

A atual visita, organizada pela professora doutora Ângela Figueiredo, foi um encontro organizado em um contexto mais amplo, um curso em Cachoeira sobre o feminismo negro decolonial. Quero agradecer a Ângela—toda vez que alguém chama por ela, eu também olho—por me convidar para voltar a Bahia várias vezes. As pessoas me perguntam se eu já fui ao Rio de Janeiro, a São Paulo. Não, mas eu venho a Bahia de novo, de novo e de novo.

Menciono essa escola porque ela reuniu estudantes negras do Brasil, América do Sul, África do Sul, Canadá, Estados Unidos e Porto Rico. Ao fazê-lo, produziu concepções importantes que poderiam não ter sido disponibilizadas se esse encontro não tivesse ocorrido. Todas nós, que tivemos a oportunidade de estar aqui, vindouras de outras partes do mundo, temos muita sorte de estar aqui neste momento, onde o ativismo de mulheres negras está em um nível elevado e pungente.

Como já foi dito e reiterado várias vezes, o movimento social liderado por mulheres negras é o movimento social mais importante do Brasil. Após o golpe antidemocrático que resultou na deposição de Dilma Roussef, as mulheres negras criaram a melhor esperança para este país. Muitas de nós, nos Estados Unidos, estamos entusiasmadas acompanhando a Marcha das Mulheres Negras no Brasil desde novembro de 2015. Nós continuamos a sentir as reverberações dessa Marcha. Agora estamos no Julho das Pretas.

Este é um momento difícil para o nosso planeta por vários motivos, mas, sobretudo, por termos uma guinada à direita na Europa, nos Estados Unidos, na América dos Sul e especialmente no Brasil. Não tenho nem como começar a explicar para vocês qual é o sentimento de morar nos Estados Unidos onde Donald Trump é presidente. Mas não devemos nos esquecer que, um dia após a posse de Trump, o movimento de mulheres levou para Washington três vezes mais pessoas que o número que participou da cerimônia de posse. Estima-se que mais de cinco milhões de pessoas participaram da Marcha das Mulheres contra Trump no mundo, inclusive na Antártida.

A Marcha das Mulheres em Washington foi liderada por mulheres negras, latinas, asiáticas, indígenas, muçulmanas, e também mulheres brancas. Nos encontramos em Washington, por todo o mundo e todos os países, para dizer que nós resistiremos. Todos os dias da presidência de Trump, nós resistiremos. Nós resistiremos ao racismo, à exploração capitalista, ao heteropatriarcado. Nós resistiremos ao preconceito contra o Islã, ao preconceito contra as pessoas com deficiência. Nós defenderemos o meio ambiente contra os insistentes ataques predatórios do capital. Aqui em Salvador, no dia 25 de julho, dedicado às mulheres negras na América Latina e no Caribe, afirmamos ainda de forma mais forte: com a força e o poder das mulheres negras dessa região, nós resistiremos.

Sabemos que as transformações históricas sempre começam com as pessoas. Essa é a mensagem do movimento Vidas Negras Importam (Black Lives Matter). Quando as vidas negras realmente começarem a ter importância, isso significará que todas as vidas têm importância. E podemos também dizer especificamente que, quando as vidas das mulheres negras importam, então o mundo será transformado e teremos a certeza de que todas as vidas importam.

As lutas das mulheres negras estão conectadas com as lutas de pessoas oprimidas em todas as partes. Com aqueles que dizem "não" às políticas anti-imigratórias de Trump e à construção de seu muro. Com aqueles que dizem "não" ao apartheid e ao muro que separa Israel da ocupação Palestina. Com aqueles que dizem "não" ao racismo e à misoginia na Colômbia. Com aqueles que dizem não ao sistema de castas na Índia. Estamos em solidariedade com as mulheres Dalits em suas comunidades. Com aquelas que dizem "não" à violência cotidiana, doméstica e íntima, que incide sobre as mulheres negras e que, geralmente, são impostas a elas por homens negros.

Finalmente as mulheres negras têm sido reconhecidas pelo trabalho em manter as chamas da liberdade acesas. Não é o tipo de liderança que visa dar visibilidade ou poder a indivíduos, baseada em carisma, o individualismo masculino carismático. Mas é o tipo de liderança que enfatiza as intervenções coletivas e apóia as comunidades que estão em luta. A liderança feminista negra é fundamentalmente coletiva.

Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, reconhecemos a importância de confrontar a violência de Estado. Enquanto o racismo está saturando todas as instituições—nas questões da moradia, do emprego, da saúde e da educação—e pode ser mais dramaticamente reconhecido nos sistemas policiais e punitivos. As mulheres negras têm liderado ações contra a violência do Estado, a violência policial e o racismo dentro do sistema carcerário, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil.

Tenho falado sobre a liderança das mulheres negras, mas eu deveria estar me referindo, na verdade, à liderança feminista negra. É necessário enfatizar a condição da mulher negra na perspectiva de gênero e de raça, reconhecendo que também está implicado nisso classe, sexualidade e gênero, para além da convenção binária. Nosso foco está nas mulheres negras empobrecidas, inclusive as que estão encarceradas, as queer, as trans, as com deficiência. Mas também estamos conscientes que não focamos na mulher negra a partir de um arcabouço separatista, porque as mulheres negras também estão se engajando nas lutas de outros grupos. Às vezes ao ponto de elas serem excluídas desses movimentos.

As mulheres negras estão entre os grupos mais ignorados, mais subjugados e também os mais atacados deste planeta. As mulheres negras estão entre os grupos mais sem liberdade do mundo. Mas, ao mesmo tempo, as mulheres negras têm uma trajetória histórica que atravessa fronteiras geográficas e nacionais de sempre manter a esperança da liberdade viva. As mulheres negras representam o que é não ter liberdade sendo, ao mesmo tempo, as mais consistentes na tradição, que não foi rompida, da luta pela liberdade, desde os tempos da colonização e escravidão até o presente.

Lembremo-nos de Rosa Parks, que sempre enfatizou que queria ser lembrada como uma mulher poderia ser livre, de tal forma que todas as pessoas pudessem ser livres. Lembremo-nos de Lilian Ngoyi, líder do movimento anti-apartheid na África do Sul, que disse, em 1956, entre as suas irmãs: "Agora que atingiram as mulheres, vocês acionaram um trator e serão esmagados".

Carolina Maria de Jesus nos lembrou que a fome deveria nos levar a refletir sobre as crianças e sobre o futuro muito antes de o conceito de interseccionalidade ser utilizado. Lélia Gonzalez insistiu que não só deveríamos compreender a complexa inter-relação de raça, classe e gênero, mas que deveríamos ter em mente as conexões entre os povos indígenas e os povos negros. Essas são as lições que nós dos Estados Unidos precisamos aprender com a história do feminismo negro no Brasil.

O que me leva a levantar o próximo ponto. Existe, geralmente, a pressuposição de que a forma mais avançada de feminismo negro é encontrada nos Estados Unidos. É verdade que há muitas figuras norte-americanas reconhecidas pelo desenvolvimento do feminismo negro. Isso não deveria se dar pelo entendimento de que nos Estados Unidos estamos mais avançados. Essa é uma visão colonialista e imperialista. Na verdade, isso ocorre porque as ideias, sejam elas conservadoras ou radicais, circulam com mais facilidade a partir dos Estados Unidos do que as ideias que emanam do Brasil. Não posso me levar tão a sério assim. A meu respeito, gosto sempre de ressaltar que ninguém jamais conheceria meu nome se pessoas de todo o mundo, inclusive do Brasil, não tivessem se organizado para exigir minha liberdade, no princípio dos anos 70.

É verdade que cada uma dessas viagens que fiz ao Brasil tem me trazido novas perspectivas, desde a primeira conferência de Lélia Gonzales, em 1997, no Maranhão, até a escola do feminismo negro decolonial da qual participei agora. A partir disso, passo a questionar o meu papel em trazer o conhecimento feminista negro para o Brasil. Passei a perceber que nós, nos Estados Unidos, somos aquelas que precisamos aprender

com os conhecimentos e as perspectivas que são produzidas pela longa história de luta feminista negra brasileira.

Precisamos aprender sobre o poder feminista negro preservado dentro da tradição do Candomblé. Precisamos aprender sobre os movimentos organizados por mulheres negras trabalhadoras domésticas na Bahia e no Brasil. Tive o privilégio de conhecer Marinalva Barbosa, que é a presidente do sindicato de trabalhadoras domésticas da Bahia. Temos muito a aprender com a atividade dessas mulheres.

Nós ainda não conseguimos nos organizar de uma maneira bem sucedida através de sindicatos dessa categoria nos Estados Unidos, apesar do fato de que mulheres negras, trabalhadoras da limpeza, terem organizado uma greve em 1881, em Atlanta, na Geórgia. Mesmo apesar do fato de que nos anos 20 e 50 tenham havido esforços, que não tiveram sucesso, de organizar sindicatos dessa categoria. Não é uma coincidência que Alicia Garza seja uma das mulheres co-fundadoras do movimento Vidas Negras Importam. Mesmo assim, ainda não temos um sindicato de trabalhadoras domésticas.

Deixem-me compartilhar com vocês algumas palavras sobre o complexo industrial carcerário. O Brasil tem a quarta maior população carcerária do mundo, estou correta? Sendo a primeira nos Estados Unidos e depois vêm Rússia e China. Os Estados Unidos está aprisionando um quarto da população carcerária de todo o mundo. Se olharmos para a população carcerária feminina, um terço está encarcerada nos Estados Unidos.

Se tivéssemos tempo esta noite, poderíamos falar mais aprofundadamente sobre como essa população carcerária reflete o capitalismo global e como esse sistema negligencia as necessidades humanas. Essas pessoas não têm acesso a moradia, educação, saúde ou qualquer outro serviço que seja necessário para a sobrevivência. A rede carcerária mundial constitui um vasto depósito onde pessoas consideradas desimportantes são descartadas como lixo. Aquelas tidas como as menos importantes são as pessoas negras, do sul global, muçulmanos e muçulmanas, indígenas.

Quando nós trabalhamos e lutamos contra a violência do Estado manifestada através de práticas policiais e de encarceramento, afirmamos que as vidas negras importam, que as vidas indígenas importam. A professora Denise Carrascosa, aqui da UFBA, tem liderado um projeto de mulheres dentro do sistema carcerário chamado "Corpos indóceis e mentes livres", um projeto entusiasmante que reúne mulheres encarceradas de tal forma que elas possam dramatizar as suas realidades, as suas vidas.

Esses são os tipos de projeto inovadores que produzem conhecimentos feministas sobre a relação entre a liberdade e a falta de liberdade. Acabei de ser informada que a professora Carrascosa tem sido impedida de entrar no complexo penintenciário feminino porque ela se juntou a outras encarceradas para protestar contra o tratamento punitivo aplicado a uma mulher que foi trancafiada, sendo-lhe negado o uso de medicamentos pós-operatórios.

Em função da professora Carrascosa ter levantado a sua voz, seu projeto, que já dura sete anos, foi barrado. O que vocês farão em relação a essa situação? Quero sugerir que vocês peçam a cada uma das pessoas aqui presentes para assinar uma petição exigindo que esse projeto seja reincorporado. Sabemos que nos últimos dez anos houve um aumento de 500% na taxa de encarceramento de mulheres e que dois terços de todas as mulheres que estão encarceradas no Brasil são negras.

Isso me leva aos meus últimos dois pontos. Um deles é a questão da reprodução da violência. Nós não podemos excluir a violência doméstica e íntima das nossas teorias sobre a violência do Estado e institucional. Frequentemente, agimos como se uma não tivesse relação com a outra e que, se as mulheres negras são vítimas dessa violência cotidiana praticada por seus maridos e namorados, isso significa que os homens e garotos negros são violentos. Como podemos refletir sobre isso?

Nós precisamos nos perguntar qual é a fonte dessa violência que prejudica e fere tantas mulheres negras. Qual é a relação dessa violência com a violência policial e do sistema carcerário? Se essa violência do indivíduo está conectada com a violência institucional e do Estado, isso significa que não conseguiremos erradicar a violência doméstica enviando aqueles que a praticam ao sistema carcerário. Se desejamos erradicar as formas mais endêmicas de violência do indivíduo da face da Terra, então devemos eliminar também as fontes institucionais de violência. Este é o chamado para a abolição do encarceramento como a forma dominante de punição para pensarmos novas formas de abordagem para aqueles que são violentados. Este é o chamado do feminismo negro para formas de justiça decoloniais.

Meu último ponto diz respeito aos constantes esforços para conter nossa resistência. Quando nós resistimos, as instituições dominantes e, sobretudo, o Estado, tentam conter a nossa resistência. Querem transformar as nossas lutas em estratégias de consolidação do Estado. O movimento pelos direitos civis é agora é reivindicado pelo Estado como central em suas narrativas sobre a democracia. Mas o movimento Vidas Negras Importam, principalmente na era Trump, é considerado um insulto.

No Brasil, agora que o mito da democracia racial foi totalmente exposto, a pergunta que se apresenta é se o movimento de resistência das mulheres negras pode ser apropriado. Afirmamos que, na medida em que nos levantamos contra o racismo, nós não reivindicamos ser inclusas numa sociedade racista. Se dizemos não ao hetero-patriarcado, nós não desejamos ser incluídas em uma sociedade que é profundamente misógina e hetero-patriarcal. Se dizemos não à pobreza, nós não queremos ser inseridas dentro de uma estrutura capitalista que valoriza mais o lucro que seres humanos.

Se reconhecermos que aqueles que queriam resolver a questão da escravidão buscavam formas mais humanas de escravização, nós estaremos utilizando a lógica do racismo. Reconhecemos que a reivindicação da reforma do sistema policial e da reforma do sistema carcerário apenas mantêm as estruturas racistas ao mesmo tempo em que finge se importar com as questões raciais.

É por isso que dizemos não ao feminismo carcerário e sim ao feminismo abolicionista. É por isso que nós convocamos essa solidariedade para além das fronteiras nacionais e ressaltamos que o feminismo radical negro decolonial reconhece as nossas profundas conexões, mesmo a medida em que reconhecemos também nossas contradições.

A luta pelo acesso à água no Quilombo Rio dos Macacos vem sendo rotulada como "terrorista". Tenho aqui em minhas mãos um apelo que vêm do Quilombo Rio dos Macacos relacionada aos seus direitos humanos de acesso à terra e à água que lerei após o evento. Mas o que eu quero dizer é que as lutas que acontecem dentro dessa comunidade estão conectadas às reivindicações para a proteção da água por populações indígenas contra o veneno trazido pelos dutos de petróleo.

Essas lutas estão conectadas também aos esforços que ocorrem em Flynn, Michigan, em expor o envenenamento das águas nas comunidades negras. Essas lutas também estão conectadas com as das comunidades palestinas, engajadas em defender as suas reservas de água, alvo constante das forças militares de Israel. Somente através da solidariedade e da luta, nós poderemos preservar o nosso acesso a água.

Quilombolas, presente!

Finalmente, quero salientar a minha alegria em estar aqui com vocês no Brasil, Bahia, Salvador, celebrando o Dia da Mulher Negra Latina e Caribenha. Mulheres negras representam o futuro. Porque mulheres negras representam uma possibilidade real de esperança na liberdade.

DISCURSO DE ÂNGELA FIGUEIREDO

Em 1992, na cidade de *Santo Domingo, na República Dominicana*, ocorreu o primeiro Encontro de Mulheres Afro-latinas e Afro-caribenhas, tendo como resultado a criação da Rede de Mulheres Afro-Latino-Americanas e Afro-Caribenhas (REDLAC) e a escolha do dia 25 de julho como o Dia Internacional da Mulher Afro-Latino-Americana e Afro-Caribenha. Expandindo esta experiência, em 2013, o Instituto Odara criou o **Julho das Pretas**.

Em consonância com a proposta do Julho das Pretas, foi realizada a primeira Escola Internacional sobre o Feminismo Negro e Decolonial, ocorrida na Cidade de Cachoeira, entre os dias 16 e 21 de julho de 2017, que contou com a participação de Angela Davis, Gina Dent e Ochy Curiel. A escola tem como objetivo principal contribuir com a formação e ampliar os diálogos na busca do conhecimento sobre nós, mulheres negras, e o mundo que nos cerca, bem como propiciar e ampliar o diálogo entre o Feminismo Negro e Decolonial, numa perspectiva de intervenção junto aos movimentos sociais e à universidade. Nesse sentido, o propósito do curso é criar um espaço de diálogo, onde a reflexão, as estratégias de intervenção e atuação política caminhem lado a lado.

Hoje, estamos aqui para celebrar o Dia da Mulher Afro-latina e Afro-Caribenha. Este é um dia especialmente importante para fortalecer a nossa atuação política e denunciar os descasos do Estado em relação à vida das pessoas negras. Angela Davis disse em Cachoeira:

"Quando as mulheres negras se movem, toda a estrutura política e social se movimenta na sociedade[1]". Exatamente porque, estando na base, o movimento das mulheres negras desestrutura/desestabiliza as rígidas e consolidadas relações sociais. Exatamente porque, estando na base da pirâmide, o movimento de mulheres desestabiliza a ordem hierárquica desigual do sistema capitalista.

Estamos esperançosas com a nossa capacidade de mobilização, e a nossa força foi demonstrada na Marcha das Mulheres Negras em Brasília, ocorrida em novembro de 2015. Mas, ainda que tenhamos consciência de que o momento político é absolutamente perigoso, em termos de perdas de direitos sociais e trabalhistas, sabemos que é necessário reagir. Quero relembrar o orgulho estampado no rosto de cada uma de nós no dia 18 de novembro de 2015, assim como das histórias e memórias de lutas protagonizadas por mulheres negras em suas vidas cotidianas para garantir o direito de existir e de resistir, pois, tenho a certeza de que ocuparemos as ruas com protestos e marcharemos em Brasília, quantas vezes se fizerem necessárias.

Como é conhecido por todos, o movimento das mulheres negras tem sido o mais atuante, resistente, inovador e criativo movimento social no Brasil dos últimos anos. Um bom exemplo disso é o *ciberativismo* ou ativismo digital, que tem se mostrado atuante no combate ao racismo. Também a Marcha do Empoderamento Crespo e o Encrespando, são movimentos políticos nos quais usamos o corpo como um espaço de intervenção política.

Todo mundo perguntou: por que tanta mobilização com a vinda de Angela Davis para a Bahia? Eu tentei entender esta mobilização em função do quadro político atual e da necessidade de termos pessoas como Angela para nos ajudar, nos dar força política, intelectual, feminista negra e ativista. A imagem de Angela Davis circula no Brasil e no mundo em *folders*, camisetas, sites e blogs, como símbolo de liberdade. E é desse lugar de liberdade que hoje queremos falar.

É historicamente significativo este público majoritariamente feminino, jovem e negro no espaço da reitoria da UFBA. Isso também é reflexo da ampliação do número de universidades públicas federais durante

[1] Conferência realizada em Cachoeira, em 17 de julho de 2017.

o governo do Partido dos Trabalhadores, bem como a adoção da política de reservas de vagas – cotas – para estudantes negros e indígenas, membros de comunidades tradicionais e oriundos de camadas populares. A política de cotas mudou consideravelmente a composição demográfica das universidades brasileiras, o que tem impactado positivamente no processo de produção do conhecimento, pois, na medida em que a universidade se torna mais inclusiva, as questões de pesquisa também se tornam mais próximas ao universo das/os estudantes. Tem sido constante a busca de estudantes e professores pela contribuição teórica e política de autores negr@s.

Somente esses fatores podem explicar um fato histórico ocorrido no ano passado, que foi a tradução do livro *Mulheres, raça e classe*, de Angela Davis, publicado originalmente nos anos de 1980. Recentemente, a mesma Editora Boitempo traduziu *Mulheres, Cultura e Política*, da mesma autora, que teve sua publicação original no ano de 1989. Agora, temos dois livros que nos ajudarão a compreender melhor o pensamento de Davis e a sua importante interpretação sobre a continuidade histórica entre o passado escravista e o sistema capitalista. Queremos subverter a ordem da geopolítica do conhecimento e deslocar a geografia da razão, colocando Bahia no centro do mundo.

Angela Yvonne Davis nasceu em Birmingham, em 26 de janeiro de 1944, é professora e filósofa socialista, feminista estadunidense que alcançou notoriedade mundial na década de 1970, por se integrar ao Partido Comunista dos Estados Unidos e ser membro dos Panteras Negras, por sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos e por ser personagem de um dos mais polêmicos e famosos julgamentos criminais da recente história daquele país. Angela nasceu no estado do Alabama, um dos mais racistas do sul dos Estados Unidos e desde cedo conviveu com o racismo em sua cidade. Do meu ponto de vista, Angela Davis só não nasceu na Bahia por um acaso, basta vê-la caminhar pelas ruas para perceber o verdadeiro sentido de irmandade.

A produção acadêmica de Angela Davis é estreitamente relacionada a uma atuação política, no sentido de conhecer para transformar, e de engajar as pessoas no combate às injustiças e às desiguais nas sociedades capitalistas, despertando laços de solidariedade. Desde a década de 1980, Angela Davis tem publicado livros de referência na área dos estudos de gênero e raça, como *Women, race and class* (1980), *Women, culture & politics* (1989), *Angela Davis: an autobiography* (1990), *Blues legacies and Black Feminism* (1998) e *Are prisions obsolete?* (2013). E antecipou o conceito de *interseccionalidade*, do ponto de vista teórico e empírico, lembrando que é preciso insistir na interseccionalidade dos movimentos e na internacionalização da luta.

Além da sua reconhecida atuação política no combate ao racismo e ao sexismo, Angela Davis tem uma enorme capacidade de reflexão crítica sobre o passado e suas articulações com o presente, o que tem fundamentado a sua denúncia da relação de continuidade entre o passado escravista e o atual sistema prisional e o seu ativismo a favor da extinção desse sistema. Angela Davis mostra, de forma muito objetiva, a relação entre a violência contra a mulher e a violência do Estado. De acordo com ela, não há possibilidade de combate à violência sem desmontar as estruturas do sistema capitalista. Como nos lembrou Luiza Bairros, uma das grandes contribuições do feminismo negro é demonstrar como o conhecimento é produzido por mulheres em suas vidas cotidianas, dentro e fora da academia.

Como muitas pessoas no mundo, somos inspirados pela história de luta e resistência de Angela Davis. E, certamente que uma ativista e intelectual mundialmente conhecida como ela, não veio à Bahia – o estado com maior população negra fora da África – somente para participar do curso sobre feminismo negro. Angela Davis quer conhecer a cultura e a atuação política negra no Brasil e quer se engajar com a nossa luta e, hoje à tarde, nos prometeu que vai aprender português.

No meu caso, especialmente, o encontro com Angela Davis e com a perspectiva teórica do feminismo negro foi um divisor de águas para a minha atuação política e acadêmica. O pensamento feminista negro

é um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres negras que envolve interpretações teóricas da realidade a partir de um ponto de vista. Desse modo, quando descobri, através da epistemologia feminista negra, que eu poderia fazer tudo isso, escrevendo e refletindo sobre o que me interessava, encontrei o verdadeiro sentido para a minha atuação intelectual e política.

É claro que a presença de Angela Davis neste dia só vem a somar esforços para a construção de uma sociedade anti-racista, anti-sexista, anti-homofóbica e anti-capitalista, por que o capitalismo é a base que sustenta e regula todas essas desigualdades.

Muitas pessoas têm me perguntado se eu fui orientanda de Angela Davis, eu tenho respondido que, do ponto de vista formal, acadêmico, não! Mas eu tenho sido orientada e influenciada pela atuação política, pela sensibilidade e pela solidariedade de Angela Davis. E é movida por este sentimento de carinho, afeto, respeito, e porque não dizer, de amor, que eu passo a palavra para a filosofa, ativista e feminista negra, Angela Davis.

DISCURSO DE DULCE PEREIRA

Há 20 anos Angela Davis, em sua primeira vinda ao Brasil, em 1997, aceitou meu convite e inspirou um Encontro Inédito de Mulheres Negras, dedicado ao compartilhamento e ao cuidado, ao fortalecimento conceitual e teórico, à aproximação de pretas de todo o país, que construíam autonomia rumo à estruturação do feminismo negro no Brasil. Vivíamos uma conjuntura complexa de crise econômica, de avanço do neoliberalismo, que como sempre penalizava mais ainda as mulheres negras. Também de embates políticos para se promover mudanças no Estado e na nação, que levassem à estruturação de políticas públicas de inclusão.

Consolidamos, então, a jornada Lélia Gonzáles, trilhando uma trajetória de cuidado compartilhado e diálogos solidários, em homenagem à vida de nossa irmã e companheira, cuja dedicação feminista militante e acadêmica ao empoderamento das mulheres negras é incontestável!

Agora, neste Julho das Pretas em 2017, convidada pela Dra. Ângela Figueiredo e o Odara - Instituto da Mulher Negra, Angela Davis novamente se irmana a todas nós, quando vivemos uma conjuntura de Estado sequestrado por homens do neoliberalismo brancocêntrico, de sequestro do Estado, de subordinação do Estado de direito a interesses de grupos que operam sob a maquiagem de falsa democracia, às decisões de poderes autoregulados, quando a corrupção endêmica é praticada de forma exposta. Tempos em que a eliminação de mulheres e jovens negros é operada por órgãos do Estado, sem qualquer pudor.

Querida Angela Davis, muito são os desafios. O desafio, em si de enfrentá-los, como estimulado por você em Cachoeira, exige radicalidade e ética de todas nós. Ética forjada a partir de nossas ancestralidades, referenciada na percepção que todos os territórios estão em disputa e que não basta ter liderança, mas é preciso construir autonomia que impeça nos enredarmos nas artimanhas históricas das estratégias colonialistas que nos perseguem.

O feminismo negro em processo exige de nós tal radicalidade que geste insubordinação aos domínios psicológicos e estratégias políticas (e aqui inclui-se parte significativa dos poderes políticos, e mesmo da esquerda branca e do feminismo brancocêntrico) que fragilizam as possibilidade de nos constituirmos em força alternativa sólida à perversidade socioambiental imposta a negras, família de pretos, mulheres e jovens no nosso dia a dia, quando a promessa futura é de mais empobrecimento e exclusão, no Brasil.

O feminismo negro, referenciado na troca intergeracional, construído em solidariedade, há de ser capaz de identificar as pessoas que entre nós, por escolha ideológica ou conveniência, operam como capachos

dos poderes que nos imobilizam e, ainda, nos matam. Havemos de torná-los inofensivos, rumo ao sucesso de nossas estratégias, ao feminismo negro que torne irreversível a caminhada das pretas por conquista de bem viver de mulheres e homens, de todas as idades e escolhas afetivas, de forma a se desestruturar o controle de corpos e mentes pelos históricos poderes racistas e patriarcais. É onde queremos chegar.

Descolonizar nossas almas, nossas mentes, nossas práticas de subalternidade. Valorizar trajetórias como o Julho das Pretas, a Marcha das Mulheres Negras, as muitas iniciativas, as práticas de sobrevivência das ancestrais e mais velhas, que nos legaram vida, inspiração e capacidade de sobrevivência. Ir além de sobreviver, além do feminicídio e da solidão imposta, para dinamizar, com autonomia, a reorganização da vida, para que tenhamos vida.

Querida e transformadora Angela Davis, mais uma vez você, feminista negra solidária, motiva e estimula nossa responsabilidade com o mundo, nosso compromisso de subverter as ordens racistas impostas, nossa luta por bem viver!

DISCURSO DO ODARA INSTITUTO DA MULHER NEGRA

Por Naiara Leite

CARTA DE UMA NEGRA JOVEM SAPATÃO PARA UMA PANTERA

Salvador, 25 de julho de 2017

Querida Pantera, nos últimos anos o impacto do racismo e do sexismo tem se acirrado sobre nossos corpos. Também foram momentos de muitas perdas, não apenas dos e das que perdemos diretamente pela violência do Estado e das opressões que nos cercam, mas também pelo racismo que atua nas nossas diversas formas de morte e que tem tombado muitas de nós. Ano passado perdemos a amazona negra, Luiza Bairros. Depois de um ano, completado no último dia 12 de julho, ainda estamos ressignificando o novo lugar de Luiza, agora ancestral. Este ano também fomos surpreendidas com a partida de Mãe Beata de Yemanjá, nossa luz. Perdemos também a jovem feminista negra Helem Moreira, vitima do feminicidio, entre muitas e muitos que se foram.

Na tentativa de conectar com mulheres negras de diversas partes do mundo e de diferentes gerações, nós, mulheres negras, construímos diálogos transversais do tempo. Falamos, cantamos movimentos de corporeidades e escrevemos em diferentes linguagens, que são determinados pelos momentos da história, seja desde os porões dos navios negreiros, a formação das nossas irmandades, a organização dos movimentos abolicionistas, negros, quilombolas, de mulheres negras, LGBTTS, comunitário, até as trocas das negras jovens.

Na Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem Viver, em 2015, escrevemos a carta para a sociedade brasileira onde as mulheres negras reafirmavam e denunciavam o impacto do racismo na vida da população negra e ao mesmo tempo apresentava a proposta de um novo pacto civilizatório centrado no bem viver e na orientação de um projeto de sociedade. Da carta destaco: "Marchamos pelo direito à vida, pelo direito à humanidade, pelo direito a ter direitos e pelo reconhecimento e valorização das diferenças. Marchamos por justiça, equidade, solidariedade e bem-estar, que são valores inegociáveis, diante da pluralidade de vozes que coabitam o planeta e reivindicam o Bem Viver".

Desde então temos resgatado a escrita de cartas para dialogar entre nós e com a sociedade, sobre o Feminismo Negro como o Feminismo do passado, do presente e do Futuro.

Nessa caminhada aprendemos que nossos passos vêm de longe. O legado de Angela Davis, Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Sueli Carneiro, Valdecir Nascimento, Vilma Reis, Ivannide Santa Barbará, Sueli Santos e de tantas outras "Marias, Joanas, Dadaras, Zeferinas, Felipas, Terezas" nos permite viver a ancestralidade e fortalecer as lutas que atravessam os tempos.

Ao longo da nossa história temos aprendido muito com as feministas negras brasileiras. Com Lélia Gonzalez aprendemos que o lugar em que nós mulheres negras estamos situadas é o que determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós esta articulação produzirá efeitos violentos sobre nossas vidas.

Já Luiza Bairros nos ensinou que as mulheres negras no Brasil precisam estar preparadas para enfrentar o racismo e o sexismo na sua intersecção, pois as diferentes formas da experiência de ser negro (vivida através do gênero) e de ser mulher (vivida através da raça), tornam supérfluas as discussões a respeito de qual seria a prioridade do movimento de mulheres negras: lutar contra o sexismo ou contra o racismo? - já que as duas dimensões não podem ser separadas do ponto de vista da reflexão e da ação política, uma não existe sem a outra.

Sueli Carneiro nos permitiu enxergar que a luta feminista e antirracista – ao integrar em si, tanto a tradição do movimento negro, como a tradição do movimento de mulheres – representa uma nova identidade política, decorrente da condição específica do ser mulher negra. Navegando pelo atlântico de resistência, Valdecir Nascimento aponta que "a população negra não é o problema do mundo e para que possamos transformar verdadeiramente a sociedade, a população negra precisa ser centro porque a solução esta em nós".

Com isso temos vivido, enquanto nova geração, que a perspectiva central das pessoas negras para assegurar nossa existência é o enfrentamento sistemático ao racismo, sexismo e todas as formas de opressão.

Neste sentido, cabe a nós, negras jovens feministas, assegurar o legado das que viveram antes de nós. Por isso, é emergente a necessidade de realizarmos o 2º encontro de negras jovens feministas, em setembro deste ano, sempre lembrando o que Makota Valdina nos ensina em sua fala: "Cada jovem negra nesse país quando for construir algo para falar em nome do nosso povo invoque a energia de Luiza Bairros".

Somos avós, mães, tias, filhas, irmãs que não dormem enquanto os nossos filhos, irmãos, pais, primos não chegam. Gritamos contra recrudescimento do racismo, que tem atravessado a vida do povo negro. São corpos tombados com humanidades, liberdades e sonhos retirados. Lutamos ou lutamos. Ao mundo ecoamos: "Parem de Nos Matar", nossas vidas negras, de mulheres e LGBTTS importam.

Mesmo com toda negação nos construímos a partir do nosso legado ancestral, insurgentes e insubmissas, a lógica branca, racista e patriarcal. Das negras cabeças criamos e difundimos estratégias de enfrentamento cotidiano. Enegrecemos as pautas e os marcos políticos. Transformamos os "julhos" em negras, os agostos em visíveis e os novembros em marchas.

Pois com Angela Davis entendemos que: "Quando as mulheres negras se movimentam, o mundo inteiro se movimenta com elas". Seguiremos em marcha e nos levantaremos com autonomia e sem nos render a lógica capital, partidária e branca para enfrentar a morte do povo negro, a violência, as perdas de direitos, as nossas dores, os aprisionamentos, o epistemicídio e o encarceramento.

Obrigada, querida Pantera por todos os ensinamentos.

Abraços fraternos das mulheres negras atlânticas!

MULHERES NEGRAS TRANSVERSAIS DO TEMPO: NEGRAS JOVENS CONTRA O RACISMO, A VIOLÊNCIA E PELO BEM VIVER

Atividade realizada pelo Instituto Odara na V Edição do Julho das Pretas 2017

A Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA abrigou em julho de 2017 a atividade do Instituto Odara, na V edição do Julho das Pretas, que contou com a presença de um público majoritariamente de negras jovens, lésbicas, periféricas, estudantes secundaristas, universitárias, ativistas, pesquisadoras, artistas, blogueiras, poetas, para um diálogo intergeracional.

A perspectiva intergeracional que baseia as reflexões e os diálogos propostos se fundamenta na filosofia marca das organizações políticas e a luta das mulheres negras no Brasil, através dos tempos. A afirmação de que **"Os Nosso Passos vem de Longe"** revela a história de luta e resistência desenhada no corpo e na memória das nossas ancestrais, alimentada, cultivada e reafirmadas pelas mais velhas. Um diálogo intergeracional é a busca de fonte de água limpa para se banhar, se alimentar, para aprender a fazer, para se proteger e afinar a percepção e o olhar sobre o que somos e o que queremos.

O método roda de conversa foi escolhido como proposta para criar um espaço de diálogo onde todas as participantes pudessem se expressar, e, sobretudo, escutar as outras e a si mesmas.

Abordando temas como solidão da mulher negra, religiosidade, genocídio da população negra, resistência na arte e na literatura, estética e luta, gênero e sexualidade, mundo do trabalho e participação política das negras jovens, o Odara- Instituto da Mulher Negra contou com a participação de um time de mulheres fantásticas, inteligentes, empoderadas e atuantes, que assumiram o papel de provocar nas participantes o debate de temas estratégicos e estruturantes para pensar e se posicionar sobre a atual conjuntura política brasileira.

Os eixos temáticos e as discussões nos diálogos reafirmam as **Mulheres Negras** como **Transversais do Tempo:** em busca permanente por soluções **contra o racismo, a violência e pelo bem viver.**

BREVE RELATO DAS RODAS DE CONVERSAS:

SOLIDÃO E AFETIVIDADE DA MULHER NEGRA NA PERSPECTIVA INTERGERACIONAL

Propôs o debate sobre a solidão das mulheres negras, especialmente das negras jovens. Entendendo a Solidão em um contexto amplo, buscou a reflexão sobre as trajetórias solitárias de mulheres negras de diferentes gerações e orientações sexuais, nos âmbitos afetivos, familiar, acadêmico, profissional e de militância. E orientou na busca por estratégias de combate a solidão, ao cuidado coletivo, ao auto cuidado e às formas de viver e de se organizar das mulheres negras.

As reflexões e debate nessa roda foram provocados, por **Dayse Sacramento**, professora de Língua Portuguesa do IFBA, doutoranda em Literatura e Cultura na UFBA e feminista negra e por **Izzadora Sá**, estudante de Produção Cultural da UFBA, sapatona afro-futurista, intergaláctica, ancestral.

Durante as discussões, foram pontuadas algumas estatísticas que comprovam a necessidade de se colocar em pauta o tema solidão da mulher negra, principalmente quando fica comprovado através das estatísticas que mais da metade dxs brasileirxs se casam com parceirxs de mesma cor, isto é, pessoas brancas se casam com pessoas brancas e que uma boa parcela das mulheres negras, principalmente aquelas de pele mais escura, ficam sozinhas, como se fosse uma espécie de celibato definitivo. No entanto, falar de solidão da mulher negra, não implica apenas em ser solteira, é também falar sobre o que lhe é duramente imposto como perfil: ser forte como única opção, criar filhxs sozinhas, ou não tê-los, muitas vezes, não por escolha, mas por se mostrar o único caminho.

Além disso, a desproporção afetiva e a solidão também podem emanar de outros modelos de relação: se a mulher negra ganha mais, se é mais altiva, intelectual ou em ascensão acadêmica, se mais intensas e empoderadas, o homem negro não as quer, porque a possibilidade da preponderância sobre o feminino está perdida.

Ao longo da história, toda vez que o negrx se levantou e reclamou, foi acusadx de violentx ou de vitimista. Em relação às mulheres negras, não é diferente, geralmente a questão da solidão e da exclusão é confundida com carência afetiva. No entanto, falar de solidão também é falar da invisibilidade, da falta de empatia, principalmente das mulheres ditas feministas que, como nos aponta a ativista Angela Davis,

> O feminismo não nos abrigou, as mulheres negras eram justamente, as inimigas das brancas, pessoas que precisavam ter seu desvalor continuamente afirmado por elas, inclusive pela sistemática exclusão das pautas destas mulheres dos interesses pelos quais lutava o movimento feminista. Podíamos figurar para dar corpo ao movimento, mas continuávamos sendo as ladras de seu maridos[2]. *(DAVIS, 2016)* – citação de bell hooks, em Vivendo de Amor.

No decorrer das discussões foram pontuados alguns eixos norteadores, para que as participantes pudessem pensar sobre o tema abordado na roda e refletir as relações com os homens negros (pai, irmãos, namorados, colegas), no sentido de compreender o que nos leva a nos posicionarmos enquanto sujeitos que cuida, ao mesmo tempo, que negligencia o autocuidado. Pensar a relação da afetividade com as outras mulheres negras, para compreender que a tal "rivalidade feminina" é mais uma criação do sistema machista para nos desestabilizar. Refletir sobre o autoafeto, o gostar de si mesma, o si amar, para que o Amor possa reverberar em outras mulheres.

Foi proposto ainda às jovens participantes, que fizessem uma visita reflexiva, às mulheres das suas famílias (avós, mãe, tias, irmãs, primas) para perceberem como, que ao longo de suas vidas, a solidão foi vivenciada.

---

[2] DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**, São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

Nas relações heteronormativas, a mulher negra sempre esteve imersa a uma lógica normativa de subalternização e hipersexualização, ou seja, não é para construir uma relação. O homem não é educado socialmente para ver as mulheres negras como sujeitos, como pessoas dignas, múltiplas em suas qualidades e sentimentos. Então, se as negras não são vistas como pessoas, não tem como dar-lhes a possibilidade de construir qualquer tipo de relação com elas. Por outro lado, há também as relações que vão desde o completo abandono, até um relacionamento extremamente abusivo, com episódios explícitos de violência.

Sob esse aspecto, foi pensada uma estratégia denominada *"Pedagogia do Constrangimento"*, que consiste na criação de uma rede solidária de proteção entre as mulheres negras, onde seja possível denunciar os abusos cometidos pelos homens (namorados, paqueras, ficantes) às jovens negras, na tentativa de coibir as ações masculinas e para que essas mesmas ações não sejam experienciadas por outras jovens.

Dentro da idéia de amor romântico, a relação que mais representa esse vínculo do amor com o feminino é o amor lésbico, entretanto, não se pode deixar de falar nas relações de amor entre mães, filhas, avós, amigas e irmãs. Experiência esta, destacada por algumas das participantes que acreditam que o afeto entre as mulheres precisa ser algo constante, ser uma rede onde as mulheres negras possam dialogar, para se fortalecerem juntas, trocar experiências, conversas, aprendizagens e afetos. As participantes lançam para o **Odara - Instituto da Mulher Negra**, o desafio de fazer desses encontros um espaço onde o diálogo seja permanente.

RELIGIOSIDADE E AS NEGRAS JOVENS

Contou com as presenças das facilitadoras **Érika Francisca**, Yaô d'Oxum, estudante de Serviço Social e representante do Odara- Instituto da Mulher Negra; **Naiara Soares**, candomblecista, periférica e afro-feminista, Koinonia-Ba, Rede Ecumênica de Juventude – REJU e Bacharel interdisciplinar em Saúde e **Isaura Genoveva**, Ekedy, Advogada e Especialista em Políticas Públicas, atuante na Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social.

O circulo, a roda, signo perfeito para a concepção do tema da conversa que propôs debater sobre a relação da população negra com a religiosidade, o Estado fundamentalista religioso, o racismo, a intolerância religiosa e a responsabilidade das instituições religiosas na vida política da população negra.

Foi consenso de todas direcionarem a discussão para as religiões de matriz africana, principalmente o Candomblé. Ainda nesta linha de pensamento, houve concordância quanto à afirmação de que o Brasil embora seja oficialmente um Estado laico, não é imparcial em assuntos religiosos, mesmo com a existência de muitas leis que considere crime a prática da discriminação e preconceito contra as religiões.

Foi pontuada a necessidade de se fazer uma mudança no termo **Intolerância**, quando se fala da falta de respeito, preconceito e discriminação às religiões de matriz africana, devido ao significado que o termo sugere, assim como foi proposto que os praticantes das religiões de matriz africana comessem a sair da situação de defensiva e passem a ter uma ação mais preventiva contra as agressões e desrespeito às suas religiões.

O ódio e o racismo religioso foram pontuados pelas participantes para enfatizar que os acometimentos na maioria dos casos perpassam também por ex - adeptxs da religião, que por sua vez ao saber de alguns rituais, e de conhecer alguns símbolos usam do seu "conhecimento" para difamar candomblecistas e simpatizantes.

Foi observado no bate papo a necessidade dos membros das casas de axé se apropriar de informações sobre leis e demais direitos que garantam a proteção para suas práticas religiosas e reação em momentos

de emergências. Como também informações sobre serviços que possam recorrer. Surgiu como hipótese a cobrança e efetivação das ações e atividades das Redes de Combate a Intolerância Religiosa que por sua vez não tem dito sucesso nas intervenções.

Além disso, entrou como pauta a questão da afetividade, cuidado e bem viver dentro e fora dos muros dos terreiros. O grupo compreende a necessidade de um maior aprofundamento sobre este debate para que seja compreendida que apesar das hierarquias dentro das casas de axé, a relação que xs individuxs precisam compreender é a sua conexão com o Orixá.

Embora não estivesse na pauta das discussões, o tema sincretismo foi abordado em diversos momentos da roda e uma das afirmações apresentadas apontou o sincretismo como um momento na religião de matriz africana, que beneficiou, valorizou e divulgou a religião católica, uma vez que dentre as relações dos santos católicos, os mais populares são aqueles associados aos Orixás. Outro consenso foi à necessidade de se colocar o tema religiosidade de matriz africana em pauta, de maneira mais efetiva e com mais tempo para discussão, uma vez que são vastas as possibilidades de debates e com uma demanda de publico ávido de conhecimento e de fala.

A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS JOVENS E MULHERES NEGRAS

As contribuições das facilitadoras: **Maisa Maria Vale**, coordenadora do programa de pesquisa e intercâmbio do Instituto Odara e **Maria Vitoria**, comunicadora da Agência de Negras Jovens Comunicadoras - Yalodês e atualmente estudante de jornalismo. Elas provocaram nas participantes o desejo de discutir sobre

o lugar e as formas como as mulheres negras estão inseridas do mundo da política no Brasil, e na Bahia, nos movimentos sociais, nos partidos políticos, nas organizações culturais, familiares e religiosas.

Os dados bem atuais trazidos por uma das facilitadoras mostraram que o Brasil é o penúltimo país colocado na listagem que mede a participação feminina nas câmaras federais, com um índice de apenas 9% de mulheres parlamentares. É possível identificar a baixa representatividade da mulher negra em espaços de poder quando se lança o olhar para a Câmara dos Deputados, em Brasília. No total são 513 parlamentares, destes 52 são mulheres, sendo apenas sete mulheres negras. Essa sub-representatividade vai influenciar diretamente na falta de políticas de enfrentamento à violência contra mulher, ao feminicídio, ao racismo e outras questões que incluam gênero e raça.

Outra questão bastante debatida foi a disparidade entre a presença de mulheres negras em diversas formas de organização política, muitas vezes garantido a estrutura para que atividades, movimentações, articulações e formulações políticas sejam efetivadas, e, no entanto, mesmo fazendo parte destes espaços, o racismo e machismo estrutural da sociedade, colocam as mulheres negras fora dos espaços de real decisão de poder nos movimentos sociais, partidos políticos, sindicatos, coletivos e nas diversas formas de organização política existentes.

Fazendo uma releitura do texto da feminista Sueli Carneiro, uma das facilitadoras aponta para o fato de que "precisamos garantir que os avanços do feminismo não sejam usufruídos apenas pelas mulheres brancas; que a luta do movimento negro não seja usufruída apenas pelos homens negros. *"Nós mulheres negras somos o alicerce dessas lutas. Quando iremos colher os frutos"*? Uma outra afirmativa bastante elucidativa foi a estratégia pontuada por uma das participantes quando enfatiza a responsabilidade das **jovens mulheres negras** de demarcarem espaços nos lugares diversos.

Outras falas sugeriram a necessária garantia da participação e emancipação das mulheres negras não apenas por uma questão de representatividade, mas também para assegurar políticas públicas para as

mulheres que mais morrem por causa do feminicídio, vítimas de estupro e também as que têm os postos de trabalho mais precários e recebem os menores salários.

O debate sobre a participação política das mulheres negras sugere mais discussões na sociedade e movimentos sociais, mais presença efetiva de mulheres negras nos espaços de poder e organizações que entendam a dimensão desse desafio.

NEGRAS JOVENS: UMA ESTÉTICA PARA LUTA

A roda contou com as participações de **Naira Gomes**, feminista negra, pesquisadora das identidades e estéticas das mulheres negras, organizadora da Marcha do Empoderamento Crespo; **Ana Paula Rosário**, atual estudante de Ciências Sociais, técnica de Comunicação do Odara, mulher inspiradora 2016, pelo site Think Olga e membro da Yalodês - Agência de Jovens Negras Comunicadoras; **Samira Soares**, ativista do Movimento Negro Unificado e Blogueira no Canal Narrativas Negras e de **Madalena Negrif**, designer de moda, técnica em produção de moda e estilismo.

O debate apresentou temas relacionados a estética negra a partir das seguintes abordagens: como as projeções estéticas de mulheres negras contribuem na luta contra o racismo, o sexismo e as LGBTfobias? Quais as contribuições dos blocos afros, movimento blackpower, geração tombamento, na luta de enfrentamento ao racismo?

Após terem se apresentado, fazendo um resumo de suas atuações políticas, de pesquisa e de seus empreendimentos como exemplos de empoderamento e visibilidade das mulheres negras; as facilitadoras deixaram o canal aberto para que os participantes pudessem atuar, apresentando suas opiniões sobre o tema proposto na roda.

Pode-se ouvir das participantes afirmações que apresentam a estética negra enquanto uma diversidade de estilos devido a diversidade humana. Para algumas, a estética negra é um instrumento de auto - aceitação, de resistência e de empoderamento. É uma forma de demonstrar que a população negra é versátil e não aceita padrões socialmente impostos. *"A todo o momento nós, mulheres negras, somos bombardeadas com padrões de beleza que colocam a mulher branca como modelo, de olhos claros e cabelos lisos como algo a ser alcançado".*

Durante as reflexões ouve-se a afirmação que, *"a estética negra é uma grande potência que pode abalar a estrutura do racismo"* e acrescenta ainda que *"a autoestima só se constrói na roda, na troca".*

O grande momento da roda se deu quando as facilitadoras convocaram as participantes a assumirem a sua estética negra, com seus traços, texturas capilares e cor da pele; apontam para a importância de incentivarem as crianças a usarem seus cabelos crespos, roupas com elementos que nos foram legados por nossos ancestrais; incentivar e potencializar os empreendimentos estéticos já existentes e proporcionar a criação de outros "ao invés de irmos às lojas de departamentos comprarmos roupas que não dizem nada de nós, que não nos refletem; seria importantíssimo se usássemos roupas criadas e produzidas por mulheres negras, que tratássemos dos nossos cabelos, nos salões que pessoas negras são as proprietárias".

Esse chamamento se apresentou como estratégia de empoderamento e de incentivo aos novos empreendimentos voltados para a estética e a beleza negra, com o objetivo de dar mais visibilidade à mulher negra e fortalecer o seu protagonismo nos diversos espaços de atuação.

Foi ressaltada ainda a necessidade de se promover mais encontros onde seja destacado o debate sobre

SEGUIMOS EM MARCH

beleza e a estética das mulheres negras e que a sua importância não seja desqualificada, nem considerada menos relevante na discussão da questão racial.

NEGRAS JOVENS PRODUZINDO RESISTÊNCIA ATRAVÉS DA ARTE E DA LITERATURA

Essa roda contou com as presenças de **Fabiana Lima**, poetisa e fundadora do Grupo Slam das Minas - BA; **Fernanda Júlia**, dramaturga, preparadora de elenco e criadora do NATA- Núcleo Afrobrasileiro de Teatro de Alagoinhas; **Lindinalva Barbosa**, ativista negra e mestra em Linguagens e **Ludmila Laísa**, grafiteira e arte-educadora.

Todas foram convocadas para falar das resistências feministas negras nas linguagens artísticas como uma forma de neutralização do racismo, do sexismo e debater sobre a importância da construção de representações e narrativas negras.

No decorrer da roda, as facilitadoras dialogaram sobre as diversas linguagens artísticas e literárias e sua relação potencial com as religiões de matriz africana e a ancestralidade negra. Reafirmaram a importância da produção de textos afirmativos que mostram a mulher negra em espaços de poder e de empoderamento. Para elas a arte precisa trabalhar e acontecer para o fortalecimento e legitimação da herança cultural negra e da ação das mulheres negras neste processo.

Também apontaram a necessidade de se nomear e afirmar os trabalhos criados e produzidos pelo negro, a exemplo: Teatro Negro, Dança Negra, Literatura Negra, entre outros. Essa necessidade está no fato de "o branco" ser considerado hegemônico, ou seja, ele está posto e não se reflete sobre isso. Por exemplo, o elenco branco não é questionado, mas o elenco negro ainda é. Não se vê uma preocupação com a ausência de diversidade nos elencos das grandes produções, nos cenários midiáticos de grande porte, na televisão.

Ainda no debate foi discutida a importância de fortalecer a produção textual das jovens e mulheres negras. Essas estratégias vão contribuir para legitimar o lugar de fala dessas mulheres. A partir desse conceito, discorrem sobre a poesia marginal que é a grande ferramenta usada nas batalhas de poesia Brasil a fora. *"A poesia é uma arma contra a opressão e uma forma de libertação e tem como papel político denunciar as mazelas do cotidiano negro, o machismo, à lesbofobia, o sexismo, o racismo"*. A poesia é configurada enquanto caminho de liberdade pela informação. É atestado que *"quanto mais mulheres estiverem escutando as poesias marginais, mais elas irão entender a forma de opressão que sofremos"*.

Para o grupo, as manifestações artísticas negras, de um modo geral, traz no seu contexto atual, a idéia de empoderamento de mulheres e de jovens negras e periféricas. Neste sentido, *"o artista é o mais próximo de Deus, porque cria e afeta"*.

O grupo acredita ainda que o tema proposto para a discussão, não consegue ser esvaziado em uma única roda e aponta que é necessário acontecer mais diálogos, mais encontros; levar a idéia para as escolas, principalmente às da periferia. *"Há muitos valores nesses meninos e meninas de periferia, que precisam ser resgatados ou aflorados"*.

O grupo aponta que o racismo estrutural impacta na ausência de fomento para a produção e a difusão da arte e das culturas negras. Fazendo com que grandes obras criadas e produzidas por negras e negros acabem na invisibilidade total. Enfatizaram que as comissões que avaliam os projetos, pois percebe o total desconhecimento das mesmas sobre as heranças culturais africanas e afro-brasileiras, as singularidades de manifestações culturais como o maracatu, jongo e toda a diversidade que faz com que o Brasil seja essa multiplicidade de formas, vivências e experiências. *"Isso não é levado em conta, quando um elenco resolve*

colocar em cena, essa diversidade brasileira como suporte de criação ou como a própria criação de uma montagem, de um espetáculo ou de um filme".

NEGRAS JOVENS: IDENTIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A roda contou com as presenças de **Jéssica Ipólito**, feminista negra, criadora e escritora no blog Gorda&Sapatão, estudante do bacharelado em Gênero & Diversidade; com **Paullet Furacão**, Educadora Social e ativista LGBT; **Larissa de Freitas Nascimento**, estudante de Gênero e Diversidade na UFBA.

Juntas, negras cis e transexuais, de afetividades diversas, conversaram sobre identidades de gênero e sexualidades, visibilidade do Amor Sapatão, educação heteronormativa e sexista, intersecção de identidades violadas, famílias negras e diversidade sexual.

Nesta roda, a dinâmica privilegiou a troca de experiências, o que possibilitou que cada uma falasse sobre a sua trajetória, os exemplos de mulheres que as inspiram e como é ser a pessoa que é no mundo. Foi uma dinâmica bastante envolvente, comandada por Paullet Furacão.

O ponto de partida para o inicio da conversa foi a afirmativa de que atualmente a sexualidade humana tem sido vista como uma possibilidade legítima de cada pessoa, mas que a violência e a intolerância contra a diversidade sexual continuam presentes, violando os desejos e as identidades reveladas.

A partir dessa afirmativa, foi discutida a necessidade de escrever, produzir e visibilizar sobre as representatividades das mulheres negras, gordas, sapatão, uma vez que a sociedade é voltada para um padrão estético e sexual específico, onde a lésbica gorda não faz parte. É importante refletir sobre a gordofobia enquanto uma violência contra a pessoa gorda, além de todo tipo de estereótipos, xingamentos e cerceamento dos direitos dessas pessoas. A cerca desse debate foi exposto a forma como os corpos gordos são tratados não apenas pela mídia e sociedade, mas também pelxs profissionais de saúde. *"Penso que saúde é importante para qualquer pessoa, independente se ela é gorda ou magra. Sem saúde não se consegue fazer nada! Mas ao mesmo tempo, não é a gordofobia que vai fazer a pessoa se olhar no espelho e dizer 'eu vou emagrecer porque a minha triglicéride está alta', antes disso, a gordofobia tem feito muitas meninas negarem seus corpos, retira sua autoestima e as excluiu do direito de ter uma vida saudável".*

O grupo também chamou atenção para a omissão do Estado brasileiro diante da violência contra as travestis e as/os transexuais, uma vez que ainda não existem leis que criminalizem a transfobia, e nem há também, por parte do Estado, uma preocupação, interesse e compromisso em registrar os casos de violências contra essas pessoas. *"Somos nós, através das nossas ONGs e institutos, que contabilizamos os nossos próprios corpos mortos".* Foi revelado ainda, que há uma preservação da violência institucional quando não é levado em conta o nome social e a identidade de gênero das pessoas trans e das travestis.

As estratégias apontadas para dar visibilidade aos transexuais e travestis, através da multiplicação de narrativas faz com que *"quanto mais as pessoas saibam, mais elas se aproximam de compreender de maneira clara, a real experiência das transexuais e das travestis"*. É importante refletir que uma parte grande da população trans jovens e até mais velha, ainda se esconde, fazendo das suas condições, uma existência clandestina não evita o preconceito e a discriminação. Por isso, é fundamental retirar essas pessoas desse lugar da ilegalidade, tal ação precisa ser uma luta de todas as gerações.

Sobre sexualidades foi destacada a importância de entender que os papeis masculinos e femininos não são determinados por uma anatomia. São determinados pelos papéis culturais definidos que aponta o comportamento dos homens e das mulheres. Neste sentido, sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: o que importa, na definição do que é ser homem ou

mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente.

No decorrer do debate foram apresentadas um conjunto de possibilidades de ações estratégicas para serem praticadas pelas negras jovens, no seu cotidiano, na perspectiva de combater ou reduzir os vários tipos de violências vivenciadas por pessoas nas suas diversidades sexuais e de gênero, tais como:

- Mapear o maior número de crimes, relatos de perseguição, pronunciamento de líderes religiosos, políticos que venham agredir a dignidade LGBT. Com base nessas denúncias e com articulação com Conselhos Federais, ONGs e a UNESCO, enviar um relatório detalhado sobre a perseguição pedindo a intervenção internacional no Brasil a fim de evitar que mais pessoas tenham seus direitos violentados e vidas retiradas pela homofobia, transfobia.

- Criar diversas oportunidades para esclarecer, difundir e conscientizar outras pessoas sobre as questões de gênero, promovendo palestras e conversas informais nas escolas e mídia, é espaço para realizar as ações de visibilidade.

- Buscar informações e esclarecimento sobre a condição dos gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, suas historias e divulgar para que mais pessoas conheçam.

NEGRAS ENFRENTANDO AS DIVERSAS FORMAS DE GENOCÍDIO DA POPULAÇÃO NEGRA

Essa roda contou com a participação de **Alane Reis**, Jornalista, Revista Afirmativa e Odara Instituto da Mulher Negro; **Laina Crisóstomo**, Advogada, feminista interseccional e Presidenta da ONG Tamo Juntas e **Nadijane Macedo** Grupo Pela Vida/ CEDECA-BA.

Mulheres negras com experiências diversas no enfrentamento a luta contra o genocídio da população negra trouxeram para roda, reflexões sobre a ação do genocídio do povo negro, estruturado em todas as esferas da sociedade, fazendo com que as pessoas negras sejam sempre as mais afetadas por crimes contra a vida. Refletiu também sobre a responsabilidade e a omissão do Estado.

A roda começou com Nadijane Macedo narrando sobre a morte do seu filho, Alexandre Macedo Fraga, jovem negro com 17 anos de idade, assassinado pela PM da Bahia. Descreveu os desdobramentos do processo sobre o assassinato e sua luta para provar a inocência do seu filho, bem como, desde então, sua militância contra o genocídio de jovens negros e periféricos.

Para impulsionar a discussão, além do caso do assassinato do jovem rapaz, as facilitadoras apresentaram nas suas falas, dados estatísticos onde mostram que no Brasil, a cada três assassinatos cometidos, dois são de adolescentes e jovens negros e que os atingidos são, especialmente, negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos, na faixa etária entre 15 e 29 anos.

Indicaram ainda, que as alarmantes taxas de mortalidade da juventude negra são resultado de uma série de outras violências sofridas por esse segmento, provocadas principalmente pelo Estado, que não é capaz de oferecer acesso igualitário, entre negras e não negras, às políticas e aos serviços sociais.

Os jovens negros que estavam presente e que são moradores de comunidades e bairros periféricos

deram seus depoimentos afirmando que desde criança foram agredidos dentro de suas comunidades, com tapas e empurrões de policiais em serviço, outros que viram alguns dos seus amigos morrem pelas mãos da polícia.

Destacou-se que as estratégias políticas de segurança e proteção de cidadania, incidem de forma diferenciada nas populações branca e negra, e essa ação diferenciada do Estado contribui para a naturalização e a banalização dessas violações, por parte de variados setores da sociedade, resultando na culpabilização das vítimas.

Afirma-se que "o Estado é o maior violador dos direitos humanos no próprio Estado, a partir da escolha do corpo negro como o corpo do bandido, como o corpo do marginal. As reivindicações da própria sociedade civil, das organizações de mulheres negras e de direitos humanos, é a necessidade de promover de fato a investigação, pois, quando as mortes acontecem e não existe investigação, a nossa sensação é de que a impunidade permite e fomenta outras mortes de jovens".

Foi apontada como agravante da falta de investigação a medida de ***"auto de resistência"*** ou ***"resistência seguida de morte"*** onde é registrado que a morte foi decorrente da resistência à autoridade policial, como se tivesse havido confronto e o agente de Estado que efetuou o disparo o tivesse realizado para se defender, quando na verdade, a imensa maioria dos casos registrados como ***"auto de resistência"*** ou ***"resistência seguida de morte"*** são casos nos quais as vítimas foram executadas sumariamente e não são investigados.

No decorrer das discussões foram surgindo propostas e estratégias para enfrentar e combater o genocídio da população negra jovem. Dentre eles, destacamos as mais relevantes:

- Reconhecer o fenômeno do genocídio da juventude negra como um problema de Estado e determinar o seu enfrentamento como uma das prioridades da gestão pública, em âmbitos municipal, estadual e federal, a fim de se ampliar e efetivar o grau de eficiência e eficácia das políticas públicas;

- Dar visibilidade à situação de vulnerabilidade a que está submetida a juventude negra nas agendas dos diversos segmentos sociais;

- Ampliar espaços de reflexão sobre a violência letal contra a juventude negra;

- Realizar amplamente audiências públicas que tratem da temática nas diversas cidades brasileiras;

- Extinguir a medida autos de resistência;

- Aprovar e efetivar o Projeto de Lei 4.471/2012 que prevê a obrigatoriedade de investigação de mortes e lesões corporais em atividades policiais;

- Criar programas e políticas públicas específicas para minimizar os impactos gerados pela violência contra os adolescentes e jovens na vida das mães e familiares das vítimas.

- Denunciar o Estado brasileiro nas instâncias internacionais cabíveis pelo crime contra a humanidade de genocídio da juventude negra, a fim de responsabilizar o Estado e determinar medidas de reparação e outras obrigações correspondentes.

O cenário no campo da segurança pública apresenta-se extremamente desafiador, considerando que as estratégias e ações de enfrentamento à violência contra a juventude negra, pouco tem avançado, pouco

alecrim
MODA ARTESANAL INFANTIL

progresso, horizontes temerosos e, justamente por conta disso, esse é um dos temas que mais se debate e mais tem havido busca de outros caminhos e procura por soluções.

CONCLUSÃO

As Rodas de Conversas inseridas no diálogo ***Mulheres Negras, Transversais no Tempo: negras jovens contra o racismo, a violência e pelo bem viver***, promovida e coordenada pelo Odara – Instituto da Mulher Negra, proporcionou às participantes, na sua maioria jovem negras, ativista nos diversos segmentos sociais, acadêmicas e algumas estudantes do Ensino Fundamental II da Rede de Ensino de Salvador, a possibilidade de dialogar, aprender, escutar, refletir e expor suas observações, pesquisas e compartilhar as vivências sobre solidão e afetividade das negras jovens, o enfrentamento das diversas formas de genocídio da população negra, a identidade de gênero e sexualidades, estética negra e luta, participação política, religiosidade e produção de resistências através da arte e da literatura.

As questões levantadas em todos os grupos dialogam de forma intrínseca com a conjuntura política brasileira, são princípios e pressupostos de extrema relevância, para a autodeterminação das mulheres negras, pois, esses pontos são inegociáveis para as alianças, condições "sinequa non" para a construção do projeto de nação brasileira.

Essas questões foram colocadas na roda para a discussão, objetivando visibilidade, letramento e empoderamento às jovens negras, fortalecendo seu protagonismo nos diversos espaços onde atuam, mas, as reflexões e proposições resultantes das atividades do ***"Julho das Pretas"*** revelam os desafios e convocam a comunidade negra para a responsabilidade coletiva de revolucionar e transformar tal realidade. Os coletivos organizados necessitam aprofundar os estudos, produzir os próprios conhecimentos, beber na fonte das que nos antecederam e buscar pontos de coalizão e unidade para conquistar a liberdade do povo negro.

As discussões em roda apontaram para a coletividade, a circulação dos conhecimentos entre as facilitadoras e as participantes, o disseminar de ações, de ideias e de proposições como: a criação de uma rede solidária de proteção entre as mulheres negras; uma movimentação mais ofensiva e enfática contra as pessoas que pregam a intolerância às religiões de matriz africana; garantia da participação política das mulheres negras para assegurar políticas públicas para as mulheres negras; ampliação de espaços de reflexão sobre a violência letal contra a juventude negra; incentivo e potencialização os empreendimentos estéticos já existentes e proporcionar a criação de outros; efetivação das políticas de afirmação onde passemos a nomear e afirmar os trabalhos criados e produzidos pelo negro; conscientização das pessoas sobre as questões de gênero e das sexualidades, acreditando que a proporção que as pessoas vão se informando sobre o assunto terão menos atitudes preconceituosas e discriminatórias.

A roda proporcionou a discussão da movimentação feminina, as diversas ações que as mulheres e jovenws negras estão articulando em vários espaços, trazendo mais negras para a luta contra o racismo, a violência, o sexismo, a lesbofobia e todos os tipos de discriminação e pelo bem viver.

CRÉDITOS

Relatoria - Celeste Libania
Organização e sistematização - Naiara Leite
Revisão - Alane Reis
Fotos - Ivana Flores
Diagramação - Polianna Silva